
FORMAÇÃO CONTINUADA EM SERVIÇO E O PROGRAMA GESTAR: UM ESTUDO SOBRE A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Tânia Maria Nunes Nascimento*

Resumo: Este trabalho é parte da dissertação que teve como objetivo investigar a prática docente assumida por professores com formação em Língua Portuguesa pelo Programa Gestar com interesse em conhecer de que modo esses professores se apropriam do conhecimento adquirido para realizar a Transposição Didática. A pesquisa se alinha com os aportes teóricos da Linguística Aplicada e recorre a teoria da concepção de língua de Bakhtin (2012). A investigação se enquadra nos princípios da pesquisa qualitativa de cunho interpretativista. Constatamos que a formação do Gestar imprime baixo alcance na mudança das práticas de sala de aula no ensino de língua portuguesa, embora exerça alta influência na formação do professor e na compreensão a respeito das concepções de linguagem e de ensino que devem orientar o exercício profissional.

Palavras-chave: Gestar. Linguagem. Transposição Didática

Introdução

O presente artigo traz um recorte da dissertação Formação Continuada em Serviço e o Programa Gestar^{**}: Um Estudo sobre a Prática de Professores de Língua Portuguesa, pesquisa que teve por objetivo investigar a prática de docentes com formação em Língua Portuguesa pelo Programa Gestar, e conhecer de que modo os professores se apropriam do conhecimento adquirido para realizar a Transposição Didática. Nesse recorte a finalidade é compreender como o professor concebe a linguagem para desenvolver suas atividades de ensino já que, entendemos que é impossível conhecer a realidade da atuação prática do professor sem ter a compreensão da linguagem que ele utiliza para desenvolver sua atividade em sala de aula.

É com olhar voltado para as questões de linguagem na perspectiva do ensino proposto pelo programa de formação de professores Gestar que levantamos a seguinte questão: qual a

* Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS . Professora da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.E-mail tm_nnascimento@hotmail.com.

** O Programa Gestão da Aprendizagem Escolar oferece formação continuada em Língua Portuguesa e Matemática aos professores dos anos finais (do sexto ao nono ano), do ensino fundamental em exercício nas escolas públicas. A formação possui carga horária de 300horas, sendo 120 horas presencias e 180 horas a distância estudos individuais para cada área temática. Informações disponíveis em <http://portal.mec.gov.br/gestar-ii-/material-de-ensino>.



concepção de linguagem que permeia as atividades de ensino de língua portuguesa desses professores?

Considerações a Respeito das Teorias da Linguagem

Cabe à escola em parceria com o professor o papel de promover e fazer opção por uma concepção de linguagem que possa ser usada nas atividades em sala de aula, mas conhecendo as possibilidades de uso da mesma. Segundo Travaglia (2006) isso é importante porque as concepções de linguagem de alguma forma se apresentam no contexto educacional e são tratadas em sala de aula.

O mesmo autor visando auxiliar esta decisão e tomando uma discussão iniciada por Geraldi (2005) apresenta três possibilidades de conceber a linguagem que segundo ele são importantes para o entendimento do professor. As concepções tomadas por Geraldi e Travaglia nascem dos estudos realizados sobre os pressupostos bakhtinianos em que os pensadores Bakhtin/Volochinov escreveram sobre questões de linguagem. Importante considerar que em razão da época em que pesquisaram o tema e o momento social e histórico consideraram a linguagem a partir de paradigmas ideológicos nominando-os como Subjetivismo Idealista, Objetivismo Abstrato e Concepção Dialógica de Linguagem.

Geraldi (2005), um dos estudiosos dos pressupostos bakhtinianos no Brasil, buscou renomear tais concepções e aproximá-las da realidade da sala de aula mantendo um olhar atento tanto para a opção realizada pelo professor pela concepção que adota em suas atividades, quanto ao seu entendimento por questões de ensino. Para o autor, a linguagem pode ser tratada em três diferentes paradigmas; como expressão do pensamento; como instrumento de comunicação e como forma de interação.

A primeira concepção que trata a linguagem como expressão do pensamento leva ao entendimento de que se a pessoa não consegue se expressar é porque não pensa. Em nosso entender essa concepção comete o erro de reforçar o trabalho voltado para a prática tradicionalista o que ainda tem sido realizado com alguma frequência por equívoco de orientação ou por opção dos professores. Para Travaglia (2006), essa concepção reforça o entendimento de que para organizar um pensamento lógico e conseqüentemente a linguagem que expressa esse pensamento há regras a serem seguidas. São estas regras que articuladas em um conjunto de orientações sobre como falar e escrever bem, privilegiando as camadas economicamente mais favorecidas da sociedade, chegam ao professor na forma de conteúdo gramatical a ser ensinado. Segundo Possenti (1997, p.64) essas regras destinam-se a ensinar os sujeitos a falarem e escreverem corretamente dentro da concepção de que quem foge à



considerada norma padrão ou culta é considerado caipira, grosseiro, incapaz de aprender. Essa concepção levada para sala de aula motiva um trabalho de valorizar as formas de uso da língua consideradas certas e desprestigiar o errado como forma de repressão ao erro.

Para essa concepção, o modo como o texto, que se usa em cada situação de interação comunicativa está constituído não depende em nada de para quem se fala, em que situação se fala (onde, como, quando), para que se fala (TRAVAGLIA 2006, p. 22).

O momento de enunciação não sofre a interferência do outro, do meio social ou qualquer situação, ele é concebido como uma produção restrita ao enunciador a quem cabe organizar o pensamento, articular e expressar sem levar em consideração as condições para essa enunciação. Esse entendimento limitado da linguagem leva o professor a desenvolver aulas práticas tradicionalistas voltadas para o esforço de ensinar regras da gramática por acreditar que assim seu aluno será capaz de exercer práticas comunicativas, sejam orais ou escritas, com maior eficiência e exercer a cidadania sem sofrer as consequências do preconceito linguístico.

Para Geraldi (2005) a opção pela linguagem como expressão do pensamento leva o professor a bloquear o estudante em seus momentos de enunciação e a preterir o uso natural que ele faz da linguagem. Assim, na escola o estudante não escreve porque não sabe expressar seu pensamento, uma vez que a escolha lexical, a estrutura do texto e outros elementos que constituem a textualidade não estão à altura da proposta de ensino do professor, e o estudante também não fala pela mesma razão, não conhece bem as palavras, não sabe estruturar a linguagem de acordo com as rígidas regras da norma culta.

Para Bakhtin/Volochinov (2012) esta concepção, que eles trataram como subjetivismo idealista, tem origem no interior do indivíduo, e se realiza do interior para o exterior o que não dá lugar para a intervenção da interação social no modo como o sujeito se expressa. Para os que defendem esta concepção o modo como um sujeito se expressa está relacionado com a capacidade que o mesmo tem de pensar, assim a enunciação é entendida como resultado da expressão da consciência individual e desse modo ficam eliminadas qualquer possibilidade de o sujeito cometer deslizos no uso da língua já que haveria apenas duas possibilidades de uso o correto e o errado.

Embora essa seja uma concepção já discutida e apresentada por diversos autores da área como insuficiente no processo de ensino-aprendizagem continua a ser exercida livremente e às vezes sem o entendimento da opção que foi feita.



A segunda concepção vê a linguagem como instrumento de comunicação e define a língua como um sistema de códigos. Segundo Geraldi (2005), um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de transmitir informações de um emissor a um receptor usando a variedade padrão da língua e desprezando as demais variedades. Para essa perspectiva a linguagem é instrumento de comunicação, organizada em um conjunto de signos que se combinam para transmitir uma mensagem usando os elementos comunicativos que se organizam tomando forma fora dos pensamentos do sujeito através de enunciados que consideram o código (codificação) e remete para o outro através de um canal (ondas sonoras ou luminosas). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação que só estabelece a comunicação se emissor e receptor conhecerem e dominarem o mesmo código.

Nessa concepção, a linguagem segundo Travaglia (2006), separa o homem do seu contexto social. O mesmo autor reforça que o foco desta concepção é reducionista porque sua atenção está voltada apenas para o funcionamento interno sem considerar o sujeito e as condições de produção da língua na interrelação linguística.

Esta tendência considerada por Bakhtin/Volochinov(2012) como objetivismo abstrato é criticada pelos autores porque consideram que o centro organizador da língua não pode estar centrado num sistema linguístico composto por sinais que servem de instrumento para a comunicação entre os sujeitos. Para o Círculo de Bakhtin (2012, p.80), nessa orientação a linguagem,

(...) é completamente independente de todo ato de criação individual, de toda intenção ou desígnio. (...) A língua opõe-se ao indivíduo enquanto norma indestrutível, peremptória, que o indivíduo só pode aceitar como tal. " O sistema linguístico é acabado, no sentido da totalidade das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua, garantindo a sua compreensão pelos locutores de uma comunidade.

A ideia geral é de que o usuário da língua tem em mente uma mensagem para transmitir a alguém que não interfere nessa mensagem, apenas ouve busca na memória o significado da palavra e recebe a mensagem. Como nesta concepção não se considera a variação linguística e nem a participação social do sujeito, não há construção de sentidos externo ao valor da palavra.

Embora haja muitas discordâncias sobre o uso da linguagem como processo de comunicação quando pensamos na realização da aula entendemos que esta modalidade de comunicação está fortemente presente na relação entre o professor e o aluno. O professor



assume o papel de emissor que precisa planejar a fala e transmitir de forma que o receptor/aluno compreenda, que signifique e ele possa emitir *feedback* necessário a continuidade das ações do professor. É a recepção do aluno à mensagem enviada que revelará a compreensão sobre o que o professor está realizando, isso porque muitas vezes o professor diz coisas que o estudante não entende e se não há compreensão temos o que Geraldi (2005) chama de comunicação pobre ou inexistente favorecida pela linguagem inadequada ao nível do receptor. Desse modo mesmo não considerando que esta concepção seja a adequada para desenvolver o ensino-aprendizagem é uma opção para manter a comunicação ativa dentro da sala de aula.

Efetivamente a concepção que trata sobre a ordem social, a história e o sujeito em suas teorias é a que mais nos interessa nesta pesquisa. É a concepção tratada por Geraldi (2005) sob a perspectiva da língua como um lugar de interação humana já que o usuário no ato da enunciação não se restringe a passar informações, age sobre o seu interlocutor exprimindo pensamentos e sentimentos que permitem comunicações interacionais. Para Travaglia (2006), nessa concepção o indivíduo não apenas traduz, exterioriza ou transmite um pensamento, mas realiza ações e atua sobre os interlocutores. O autor mesmo afirma que

A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico (TRAVAGLIA, 2006 p. 23).

Essa concepção se caracteriza fortemente por sua atuação social e segundo Bakhtin e Vygotsky, teóricos russos, importantes na área de linguagem, para haver a comunicação, é necessário que os indivíduos estejam integrados em uma mesma realidade e compartilhem de um mesmo significado atribuído às coisas. Acompanhando o pensamento dos autores de que linguagem é interação poderíamos concluir que a linguagem sempre existiu da mesma forma com o objetivo de estabelecer as relações sociais entre os sujeitos usuários da língua, no entanto é preciso compreender que cada momento social e histórico por que passa a sociedade sugere uma percepção diferenciada de língua, motivada por concepções de sujeito e mundo vigentes num dado momento o que evidencia a dinamicidade da linguagem no meio social.

Os estudos do Mikhail Bakhtin demonstram que “os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar” (BAKHTIN, 2012, p.111).

Bakhtin acredita que as relações interindividuais criam os signos, e por isso são carregados de valores conferidos por diferentes interlocutores, o que faz da língua um



conjunto indefinido de vozes sociais. Esse entendimento do autor constitui o princípio dialógico da linguagem, quer dizer a noção de que a linguagem se constrói entre pelo menos dois interlocutores, que são seres sociais marcados por suas histórias e por outros discursos.

Para Bakhtin (2012), ser significa comunicar e nesse sentido o diálogo é um espaço em que mais se pode observar a dinâmica do processo de interação de vozes sociais, uma vez que só na convivência com o outro é que o ser se constitui enquanto humano.

Bakhtin privilegiou o estudo de natureza social da linguagem, tratando, junto com o círculo bakhtiniano das condições sócio históricas que envolvem o horizonte social comum compartilhado pelos enunciadores e o campo social mais amplo definidos pela relação entre os campos ideológicos e a ideologia do cotidiano. Para o autor, a linguagem se realiza numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado, assim o conceito de linguagem não pode estar dissociado do evento de interação social.

Nessa perspectiva, pensar linguagem é pensar num espaço de interlocução humana e isso é de suma importância na medida em que “toda palavra comporta duas faces”. “Ela constitui o produto da interação do locutor e do ouvinte” (Bakhtin 2012, p.27.) que resulta do raciocínio consciente e intencional. Como afirma Bakhtin (2012, p 127),

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social de interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Segundo Vygotsky e Bakhtin, tanto a linguagem, quanto a consciência devem ser vistas como produto da ação coletiva dos homens, que se formam na interação social. Nessa interação, por meio da palavra, o locutor define-se em relação ao outro, assume a posição de sujeito que se dirige ao interlocutor numa situação comunicativa e essa situação e os participantes darão forma à enunciação.

Nesse contexto, compreende-se que existe, então, uma sociedade inserida num universo histórico determinado no qual a linguagem é produzida através das atividades mentais e sua compreensão através das interações sociais. A linguagem verbal, uma das formas de comunicação e de significação, é apreendida como indicador de desenvolvimento.

É nesse universo de discussão que Bakhtin trata a questão da linguagem. Para o autor a linguagem é o principal mediador entre o homem e o mundo.

Caminhos metodológicos: o cenário da pesquisa



Para realizar essa pesquisa foi necessário desenvolver um trabalho de abordagem qualitativa na perspectiva interpretativista, uma vez que esse viés de investigação possibilita que o pesquisador possa responder aos interesses do trabalho que pretende desenvolver sem desconsiderar que a realidade do objeto pesquisado não pode ser dissociada do indivíduo que participa do estudo a ser realizado.

O corpus foi constituído por entrevistas e aulas observadas junto a quatro professoras da rede estadual da Bahia, sendo cada uma de escola distinta, nos municípios de Cruz das Almas (2 escolas), Governador Mangabeira(1 escola) e Sapeaçu (1 escola), todas lecionando turmas de 8º e 9º anos.

O critério para seleção das professoras foi feito a partir da identificação de terem cursado na graduação Letras, feito especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa, terem sido cursistas do Programa Gestar e estarem participando das ações do Programa denominada Um Gestar em Cada Escola.

Para levantar os dados da pesquisa foi realizada entrevista semiestruturada a partir de um roteiro com 11 itens*** chaves que foram aplicados sem rigor, uma vez que de acordo com a necessidade de cada uma das quatro professoras entrevistadas foram sendo refeitas ou auxiliadas por outras questões.

O outro passo para coleta de dados foi a observação em que foram acompanhadas 10 aulas de cada professora, feitas anotações que permitiram, mesmo diante da dinamicidade da sala de aula, perceber de que modo o professor usou a linguagem e as relações interativas para desenvolver as aulas de Língua Portuguesa.

Análise dos dados

Na observação realizada com uma das professoras durante esta investigação ela realiza uma atividade com poemas em que deixou evidente o foco na linguagem como expressão do pensamento.

A professora sugere que os alunos escrevam um poema cujo tema seja alguma lembrança da própria vida. Eles escrevem e ela os convida a ler. Ao final de cada leitura ela fez comentários sempre voltados para a perspectiva da rima e nunca da proposta de construção de sentido desse texto. – Vejamos, fulano você não rimou as palavras corretamente, procure outra que rime, observe o som final e um a um ela elogiava pela rima perfeita ou chamava a atenção pelo descuido com a rima. Na sequência dessa atividade ela passava pelas carteiras dos alunos e observava se as palavras estavam

*** Para o desenvolvimento das entrevistas semi-estruturadas foi criada uma sequência de itens que permite flexibilidade e possibilidade e reestruturação ao longo das entrevistas.



ortograficamente escritas corretas e se havia problemas com a concordância. Anunciava os erros às vezes escrevendo no quadro a forma adequada (Anotações durante a observação de aula da professora Hortênsia).

Essa atividade como nos sugere Travaglia (2006) não foi afetada nem pelo outro, no caso o aluno, nem pelas circunstâncias que constituíram a situação social em que a enunciação aconteceu. Ao iniciar a atividade, a professora anunciou uma escrita de poema que tinha o objetivo de tratar uma lembrança da vida do aluno, mas em nenhum momento isso foi referência em seus comentários. Num primeiro momento adotou a leitura como requisito para expressar uma linguagem poética que atendesse as regras simples de construção das rimas e num segundo momento se prendeu à estrutura linguística do texto corrigindo elementos da gramática. Não houve valorização do texto produzido. O olhar da professora foi o de quem acredita que se dominar os conhecimentos gramaticais o aluno será capaz de produzir textos e falar dentro do padrão da norma culta. A professora não mostrou interesse pela construção textual do aluno que seria o ambiente de revelação de como a interação verbal contribui para constituição de um sujeito usuário da língua.

Segundo Geraldi (2005, p.24) ao assumir um ensino da língua como sistema de regras gramaticais, a escola lança mão de uma concepção de linguagem como máscara do pensamento que é preciso moldar, dominar, policiar fugindo ao risco de subversão criativa, ao risco de pregar como ato de invenção e liberdade. Para o autor aprender gramática não garante que o sujeito vá falar e escrever com fluência, no entanto na escola, o ensino ainda se volta para o normativismo da língua, com a aplicação de exercícios e prescrições que nada contribuem para a construção de um sujeito capaz de usar a língua para falar ou escrever com liberdade de expressão.

Em um outro momento de observação das aulas, a professora Filomena inicia a atividade sugerindo aos estudantes que leiam os textos que escreveram na aula anterior quando foram motivados por histórias sobre Patativa do Assaré a escrever seu próprio texto falando sobre o autor. Eles não quiseram ler, então a professora recolheu alguns textos e iniciou uma leitura de “correção”. A partir do escrito dos alunos destacou algumas frases e colocou no quadro.

- a) “Eu achei a história de Patativa do Assaré muito bom e legal”.
- b) “Falava das crianças que estava desabrigada”.
- c) “Que nós estudantes não vá pelo mesmo caminho”.
- d) “Depois que ele se mudou pra cidade descobriram...”.
- e) “As pessoas na cidade sofria”.



Toda a atenção da docente se voltou para questões gramaticais, embora tenha sugerido uma produção de texto. Nessa prática fica claro que a professora ainda usa o texto apenas como subterfúgio para tratar da concordância, regência acentuação, pontuação, ortografia e elementos da análise linguística. A linguagem usada pelo aluno para produzir o texto não foi valorizada o que nos leva a crer que, também para esta professora se o aluno não escreve de acordo com a norma padrão qualquer coisa que esteja em seu texto não tem valor.

Em outro momento de observação foi registrado na fala da professora Vitorina o uso da linguagem na perspectiva de Bakhtin, mostrando que na situação real, nas relações entre ela e seus alunos a linguagem é o elemento para toda e qualquer aquisição.

Eu preciso conversar com meu aluno o tempo todo, então falo sobre o que preciso para orientar um assunto e falo sobre o que ele quer falar. Acredito que ele aprende com o professor não só conteúdo da disciplina, mas a partir do eu falo, como eu falo e sobre o que eu falo. Se ele confia em mim pode tomar a conversa como exemplo para pensar situações da vida (VITORINA/ENTREVISTA).

A professora, embora não mencione qualquer autor durante a entrevista faz sempre referências à concepção de linguagem que orienta sua atividade e a partir de suas falas podemos entender que ela adota o princípio de que “a linguagem é um instrumento usado para estabelecer todas as relações entre sujeitos socialmente organizados” (BAKHTIN 2012 p. 116), o que explica o pensamento bakhtiniano de que as ações do homem são resultado da interação dele com o meio e o papel da linguagem neste contexto é de suma importância visto que a mediação entre o homem e o mundo que o cerca ocorre via linguagem.

Um outro exemplo de compreensão desta concepção é quando a professora Hortênsia ao falar em entrevista sobre a concepção de linguagem que orienta seu trabalho pensa um pouco e diz,

Sempre lembro de Vygotsky quando quero pensar problemas de linguagem. Para mim a linguagem tem o papel de estabelecer a comunicação, e é usando a linguagem que o aluno consegue a inserção no mundo social (HORTÊNSIA/ENTREVISTA).

É nesse sentido que a linguagem compartilhada por sujeitos, num intercâmbio social é usada por eles para atender a fins sociais.

Em outra situação de observação a professora Alberta demonstra compreensão sobre o sentido que se atribui a um enunciado já que propôs em uma atividade que os alunos procurassem o significado da palavra a partir da contextualização das demais informações no



texto. A proposta inicial era trabalhar as gírias do futebol e para tanto ofereceu aos estudantes textos diversos sobre o tema e solicitou que ao realizar a leitura grifassem as palavras que não conheciam, mas que procurassem ler o trecho mais de uma vez para construir o sentido das palavras. A proposta motivou os alunos a pesquisarem no dicionário e a perguntarem uns aos outros o que significava o termo.

Durante esta aula a professora foi refazendo seu planejamento e aproveitando o interesse que os alunos demonstraram pela atividade, assim sugeriu que eles escrevessem um texto curto usando algumas das palavras que haviam selecionado e atribuindo as mesmas um terceiro significado. Realizada a tarefa alguns leram seus textos e pudemos concluir, que ao final demonstraram compreender que o sentido das palavras não se constrói isoladamente, mas dentro de um contexto.

A professora, mesmo sem a clareza da concepção que adotou para planejar e replanejar esta aula está usando o princípio bakhtiniano de que a palavra é o elemento privilegiado da comunicação na vida cotidiana, uma vez que carrega um conjunto de significados que lhe foram socialmente outorgados, negociados, negados e/ou assumidos.

Pensando sobre a concepção de linguagem adotada na sequência da aula que desenvolveu com os alunos, percebemos que não houve uma opção única. A professora não se limitou a concepção bakhtiniana quando desenvolveu uma prática interativa e dialógica dentro de um processo de comunicação que se materializou por meio de palavras nem abandonou a prática de ensino prescritivo em que a linguagem é tomada como expressão do pensamento e as regras de gramática como elementos a serem seguidos para que se produzam bons textos. Há sinais de que passeia pelas duas concepções, mas não há a segurança de que seu fazer pedagógico foi consciente das orientações de uma ou outra concepção.

No que refere ao pensamento de Bakhtin sobre linguagem, a professora parece compreender que “o que importa para o falante sobre uma forma linguística não é ser ela um sinal estável e sempre auto equivalente, mas ser um signo sempre mutável e adaptável” (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2012, p.68). A professora não ignora este conhecimento.

Na sequência de aula seguinte a professora Vitorina planejou um trabalho com formas de comunicação e para isso utilizou o material do Programa Gestar com o propósito de desenvolver, nos estudantes, habilidades de uso da linguagem nos diferentes meios de comunicação.

Esquema simplificado - aula 8 – professora Vitorina
Registro de campo em: 06.06.2014



Professora - Abram o caderno do Gestar na página 17. Vejam o texto que fala sobre e-mail. Vocês usam e-mail?

Aluno1 - Eu uso WhatsApp.

Aluno2 - Eu uso Facebook.

Alunos diversos os- Uso WhatsApp e/ou Facebook

Professora - Vocês conhecem o telegrama, fax, carta? Sabem que até pouco tempo era através destes meios que as pessoas se comunicavam? Vocês podem imaginar o tempo que levava para uma pessoa receber notícias por carta?

Aluno 3 - Eu sei o que é telegrama e carta. Lá em casa recebia carta, mas agora não. Pode usar o SMS.

Aluno 4 - É pode usar SMS e também tem o VIBER que pode falar de graça.

Professora - Todos tem e-mail aqui?

Alunos diversos - Sim.

Uma aluna diz que não tem e explica que quando precisou mandar um e-mail para a professora foi sua irmã que o fez. O que podemos observar é que a professora faz um movimento característico de quem quer desenvolver uma aula em que a participação do estudante seja efetiva e isto fica evidente quando ela privilegia as falas dos alunos e faz questionamentos para motivar ainda mais.

O tratamento que ela dá à discussão realizada na sala, nos leva a crer que tudo foi feito para conduzir a um trabalho voltado para a linguagem escrita, uma vez que desenvolveu uma aula em que a relação foi interativa, dialógica e dinâmica.

Diante do exposto, considerando estas análises e todas as outras que não podemos descrever aqui pela condição de limites na escrita compreendemos o quanto é difícil para o profissional de educação definir uma concepção de linguagem para realização de aula. O que notamos é que as quatro profissionais têm exatamente o mesmo nível de formação acadêmica, participam da formação do Programa Gestar com a mesma competência, exibem discurso compatível com as propostas educacionais atuais e com as demandas da sociedade atual, mas que exercem práticas em níveis diferenciados, que abordam o tratamento da linguagem de modos distintos, o que consideramos absolutamente pertinente, uma vez que nenhum conhecimento deve existir em si mesmo sem a interferência do sujeito que o transmite.

Considerações finais

No corte realizado na pesquisa original para organização deste artigo foi levantado questionamento sobre qual concepção de linguagem permeia as atividades de ensino de Língua Portuguesa das professoras investigadas em seu exercício profissional. Deste modo, apresentaremos nossas conclusões relativas ao ponto mencionado.



Chegamos à conclusão de que há uma compreensão sobre a importância do tratamento da linguagem dentro da perspectiva bakhtiniana de que o ensino deve estar voltado para a prática de uso social da língua.

Para as professoras não resta dúvida de que a interação é o melhor caminho para o tratamento da língua e que o Gestar carrega em seu pressuposto as características de um trabalho voltado para o fenômeno social da interação verbal que, como bem afirma Bakhtin, vai além do subjetivismo individualista. Na entrevista e na conversa diária com as professoras ficou claro que todas entendem a importância de tratar a linguagem como instrumento para o aluno viver em sociedade podendo refletir criticamente sobre as variadas situações do cotidiano.

No entanto, a observação nos fez perceber que a escolha, no momento de escrever o planejamento, para as quatro professoras comunga com o conteúdo a ser tratado, mas, na prática, as professoras Hortênsia e Vitorina transitam no tratamento da linguagem de uma aula expositiva a interativa sem qualquer dificuldade, levadas pelos acontecimentos da aula, enquanto Alberta e Filomena, independentemente de planejar uma aula mais ou menos interativa, não avançam além da concepção tradicional de detentoras do saber a ser ensinado, assumindo uma postura prescritiva, quase monologal de dizer o que é e como fazer. Nos pareceu, inclusive, que para alguns conteúdos é mais fácil planejar a interação, o diálogo, a socialização como se esta fosse parte do planejamento da aula e não uma ação cotidiana necessária ao ensino-aprendizagem.

CONTINUED TRAINING IN SERVICE AND THE GESTAR PROGRAM: a study on the conception of language in portuguese language teaching

This article is part of an original research that investigated the practices of Portuguese Language teachers oriented by Gestar Program, with the objective of understand the way that teachers assimilates knowledge and execute the didactic transposition. The research was guided for theoretical contributions of Applied Linguistics and used Bakhtin's theory of language (2012). The investigation used qualitative research principles with interpretative characteristics. Conclusions of this study suggests Gestar Program doesn't produces relevant differences on class practices of language portuguese teachers, at least produces considerable changes about the knowledge and comprehensive of language conceptions and teaching conceptions that guide professional practices.

Key-words: Gestar. Language. Didactic transposition.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.



BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Proto, 1994.

_____. Ministério da Educação. **Programa Gestão de Aprendizagem Escolar – GESTAR II**. Guia Geral do GESTAR. Brasília: Fundescola / MEC, 2008.

_____. Ministério da Educação. **Programa Gestão de Aprendizagem Escolar – GESTAR II**. Guia Geral do GESTAR. Brasília: Fundescola / MEC, 2009.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília. Secretaria de Educação Fundamental, 2002.

CHEVALLARD, Y. **La TranspositionDidactique**. Du savoirsavantausavoirensigné. Grenoble: La PenséeSauvage, 1991.

GERALDI, J. Wanderlei. Concepções de linguagem e ensino de português. In: **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2005

LÜDKE, Marli; ANDRÉ, Marli E. D. A. Abordagens Qualitativa de Pesquisa: A Pesquisa Etnográfica e o Estudo de Caso. In: **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: E. P. V., 1986.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: ALB: Mercado das Letras, 1997.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

WITTKE, Cleide Inês. **Ensino de língua materna**: PCNs, gramática e discurso. Santa Cruz do Sul:EDUNISC, 2007.

ZABALA, Antonio. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul,

ZUIN, Poliana Bruno; REYES, Claudia Raimundo. **O ensino de língua materna**: dialogando com Vygotsky, Bakhtin e Freire. Aparecida. São Paulo: Ideias e Letras, 2011.

